

Muito orgulho e sem rivalidade: atletas olímpicos brasileiros nascidos na Argentina

*William Douglas de Almeida**
*Katia Rubio***

1 INTRODUÇÃO

A participação em um evento esportivo internacional, como os Jogos Olímpicos, é marcada por muito simbolismo. Apesar da característica individual da competição, o atleta carrega consigo o caráter de representação nacional, uma vez que a vinculação a um comitê olímpico nacional é um dos critérios de elegibilidade para os atletas. Kostakopoulou e Schrauwen (2015) adotam o termo *homo nationalis* para definir a importância da nação para o atleta olímpico. Outros autores, como Mac Allon (1981), destacam que os Jogos Olímpicos mesclam momentos de representação individual, nacional e universal.

Apesar de se entrecruzarem em vários momentos, a nacionalidade civil e a nacionalidade esportiva não são conceitos indissociáveis. Nicolau (2017) destaca que a unicidade da nacionalidade esportiva é um critério adotado por quase todas as entidades de administração do desporto, havendo regras específicas para atletas que desejem representar mais de uma nação ao longo da construção da carreira atlética. Por outro lado, em um mundo marcado pelo fluxo cada vez mais intenso de pessoas, as trocas de nacionalidade e a existência de pessoas com mais de uma nacionalidade civil tornam-se cada vez mais comuns.

No Brasil, a premissa básica para a concessão da nacionalidade brasileira é o *jus soli*, ou seja, todas as pessoas nascidas em território nacional têm direito à nacionalidade brasileira. Ao longo dos últimos anos, houve uma série de ajustes na lei, e também é possível ter a nacionalidade brasileira originária por meio do critério de *jus sanguinis*, ou seja, com base na ascendência de pai ou mãe brasileiros. A outra forma de se tornar brasileiro é por meio da naturalização.

Desde 1920, quando enviou uma delegação aos Jogos Olímpicos pela primeira vez, até os Jogos Olímpicos de Tóquio, realizados em 2021, o Brasil foi representado por 55 atletas que nasceram em outros países, mas que se tornaram brasileiros. Destes, quatro são originários da Argentina: o jogador

*Pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

**Professora associada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

de basquete Antônio Salvador Sucar, o canoísta Sebastián Cuatrin, o tenista Fernando Meligeni e o jogador de hóquei sobre a grama Joaquin Lopez. Com quatro atletas, a Argentina é o quarto país com maior número de emigrantes que representaram o Brasil em Jogos Olímpicos, atrás de Estados Unidos (oito), Alemanha (seis), e França, (cinco) (ALMEIDA, 2021 e COB 2021).

Este artigo tem como objetivo apresentar a história de vida de atletas olímpicos brasileiros nascidos na Argentina, debater o movimento migratório que os trouxe até o Brasil, a construção do processo de naturalização e as consequências da representação olímpica na formação do processo de identidade desses atletas. Trata-se, portanto, de um estudo qualitativo, pautado na memória dos atletas, e não apenas em dados quantitativos sobre o número de atletas - nascidos em território estrangeiro - participantes nas delegações brasileiras.

Ao debater este tema, veremos que o esporte não é uma simples ferramenta de *soft power*, mas um fenômeno conectado a questões identitárias e sociais, como os movimentos migratórios que ocorreram entre os países. Clubes e entidades de prática esportiva são um espaço social importante, e podem servir para colocar migrantes em contato com as pessoas em um novo país, mas também para a manutenção de laços com os locais de origem – haja vista o grande número de agremiações e entidades fundadas por imigrantes. A relação entre fluxos migratórios e esporte é amplamente debatida em todo o mundo (AGERGAARD, RYBA, 2014; CARTER, 2011; HOULIHAN, ZHENG, 2013; JANSEN et al, 2017; POLI, 2007; POULTON, MAGUIRE, 2012). No Brasil, podemos citar os trabalhos de Freitas (2022), Marques e Marchi Júnior (2020), Ribeiro et al. (2013), Kilpp (2012), Faggiani et al. (2016) e Tertuliano (2016).

O texto está estruturado da seguinte maneira: detalhamento da metodologia de pesquisa utilizada; debate sobre a construção da rivalidade entre Brasil e Argentina; apresentação da trajetória de vida dos sujeitos da pesquisa; discussão com base nas aproximações e distanciamentos entre a vida dos atletas e trabalhos acadêmicos sobre migrantes argentinos no Brasil; e elaboração das considerações finais.

2 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS – O ATLETA COMO PROTAGONISTA DO ESPORTE

Apesar de parecer elementar, é preciso recordar: sem o atleta, o esporte é apenas uma abstração. Compreender o fenômeno esportivo por meio de seus protagonistas, os atletas, é um desafio que pode ser encarado de diferentes maneiras. Este artigo baseia-se na metodologia das Narrativas Biográficas, desenvolvida por Rubio (2014, 2015, 2016). As entrevistas utilizadas neste artigo compõem o banco de histórias da pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” (Rosina, 2022), desenvolvida ao longo de anos pelo Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO/USP).

Foram ouvidos mais de 1,3 mil atletas que representaram o Brasil em edições dos Jogos Olímpicos. A metodologia das Narrativas Biográficas trabalha com a premissa de que todos os encontros entre pesquisadores e atletas comecem com um mesmo convite: “por favor, conte sua história de vida”. Assim, parte-se da narrativa do atleta – a quem cabe definir os pontos principais, os momentos de destaque, as aproximações e distanciamentos entre a carreira atlética e a trajetória pessoal. Temas como a iniciação esportiva, as principais conquistas, a participação olímpica e a transição de carreira são narrados. Ancorado na memória (HALBWACHS, 1990), este tipo de metodologia não visa a mera reprodução da história, mas, de certa maneira, procura captar detalhes identitários, algo definido por Tonon (2022) como a busca pela “alma” dos atletas. Das quatro entrevistas que compõem este trabalho, três foram realizadas por um pesquisador e uma por outro, todos membros do GEO/USP.

3 A RELAÇÃO ENTRE VIZINHOS

Diversos autores trabalham com dados quantitativos e qualitativos sobre a migração entre Brasil e Argentina, dentre os quais destacamos Sala (2005), Winand (2015), Fernandez (2011) e Brandalise (2011). Sala (2005) aponta que o número de pessoas provenientes de países do Cone Sul vem crescendo: com base nos últimos dados públicos disponíveis, eram mais de 27 mil argentinos, à época da publicação, vivendo no Brasil. Baeninger (2012) aponta que os argentinos eram a maior comunidade estrangeira da América do Sul no Brasil e que, em 2010, havia, também, um grande número de brasileiros que viviam em território argentino: 33.748, representando a quinta maior comunidade estrangeira daquele país.

Historicamente, o número de argentinos vivendo no Brasil já foi maior. Segundo Fernandez (2011), há uma estimativa de que, em agosto de 1980, havia cerca de 30 mil refugiados latino-americanos vivendo em São Paulo, a maioria deles argentinos, mas sem registros oficiais. Naquele momento, apenas 50 deles estavam sob proteção do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). O autor pontua que, na década de 1970, a Argentina viveu uma grande onda emigratória.

Durante 1975 e 1976, os fatores de expulsão da Argentina se potencializaram mais ainda: por um lado, a ação do medo instaurado de forma generalizada na sociedade, por causa do terrorismo exercido clandestinamente desde o Estado, mas também da escalada da violência guerrilheira [...] por outro aspecto, evidenciava-se no país o agravamento dos problemas no cenário político, econômico e social (FERNANDEZ, 2011, p.159).

Mesmo em um contexto político de ditadura, o Brasil vivenciava, naquele momento, o chamado “milagre econômico”, tornando-se um país atrativo para os argentinos, principalmente aqueles que tinham grande qualificação técnica e que deixavam o país de origem, num fenômeno conhecido como “fuga de cérebros”. Apesar da aparente prosperidade econômica e da proximidade geográfica, Fernandez destaca que a inclusão dos argentinos na sociedade brasileira foi um processo que também encontrou barreiras sociais, que foram reveladas por meio de entrevistas realizadas com migrantes. Em diversos depoimentos, o autor pôde constatar passagens nas quais os argentinos foram vítimas de xenofobia e exclusão, algumas delas relacionadas à rivalidade esportiva. O relato de um dos entrevistados, chamado Daniel, é bastante claro.

Para ele, o futebol se revestia desse caráter de conflito binacional. Contudo, na sua experiência vivida, o conflito representado no jogo não era apenas ‘simbólico’ ou abstrato, mas se transformava em um embate concreto cujos resultados influíam direto no seu microcosmo cotidiano [...] Assim, a cada aproximação de um jogo Brasil x Argentina, Daniel recordou que sentia uma enorme pressão do seu imediato entorno social: a escola. Para seus colegas de classe, a figura de Daniel ‘transformava-se’, nos momentos prévios ao ‘combate simbólico’, na encarnação do ‘inimigo’ e no receptáculo de todo um conjunto de representações sociais (negativas) sobre a Argentina. Em suma, convertera-se, a contragosto, em um representante quase ‘oficial’ da nação argentina, sobre quem cairiam as chacotas (no caso da derrota argentina) ou uma possível ação punitiva, como vingança frente a uma vitória da seleção celeste e branca (FERNANDEZ, 2011, p.523).

O esporte também aparece como um dos principais elementos de rivalidade entre Brasil e Argentina no trabalho realizado por Brandalise (2011), que coloca o fenômeno ao lado de questões políticas e econômicas. Para a autora, o discurso de conflito entre as duas nações é amplificado pela mídia, e não apenas pelos programas noticiosos, mas também por peças publicitárias e programas humorísticos. É preciso, porém, buscar compreender o processo de formação da rivalidade entre as duas nações. Para isso, nos amparamos nos estudos de Winand (2015). A autora sintetiza a formação da animosidade entre as nações em dois tópicos.

1. Brasil e Argentina reconheceram-se como rivais a partir da percepção que cada um tinha sobre sua representação territorial e, posteriormente, sobre o papel de cada um no entorno geopolítico.

2. Estabeleceu-se, portanto, um padrão de rivalidade essencial aos dois futuros Estados independentes, pautado no fato de que o logro de uma parte significaria o fracasso da outra. Valor que foi incorporado pelas elites dirigentes de cada país (WINAND, 2015, p.70).

Ainda segundo a autora, no período entre as duas grandes guerras mundiais, as tensões entre os dois países aumentaram e, posteriormente a isso, outros episódios deixaram claro o clima de tensão nos ambientes político e econômico entre os dois países.

O conflito trazia à tona a antiga disputa entre Brasil e Argentina pela influência sobre o Paraguai que perpassa o incidente da Colônia de Sacramento e o litígio em torno do território das Missões. Ou seja, Itaipu é um legado da mais remota origem das questões platinas (WINAND, 2015, p.80).

Como fenômeno social, o esporte acaba sendo um campo profícuo para evidenciar distanciamentos e conflitos. Bayce e Pinto (2018) destacam que há uma demanda reprimida com relação a estudos sobre o comportamento de torcedores argentinos, brasileiros e uruguaios. Estudos como os de Brandalise (2011, 2020) também destacam o esporte como elemento importante na relação entre os países. Deste modo, conhecer a trajetória de atletas que nasceram em uma dessas nações, mas que optaram por defender a outra, é um elemento importante.

4 A ESCOLHA PELO BRASIL

A seguir, apresentamos a trajetória de vida dos atletas que nasceram na Argentina e representaram o Brasil em edições olímpicas, dando destaque às falas que pontuam momentos importantes da sua relação com os dois países.

Antes, porém, cabe fazer um adendo histórico que também conecta os dois países. Nas primeiras edições olímpicas da Era Moderna, a inscrição de atletas era realizada de maneira individual, tendo em vista que os comitês olímpicos nacionais ainda não haviam sido estabelecidos. Em 1908, Horácio Tertuliano Torromé, da patinação artística, que vivia na Inglaterra, país sede dos Jogos, usou de fatores hereditários para declarar-se argentino e competir nos Jogos Olímpicos. Horácio, porém, era nascido no Rio de Janeiro (ALMEIDA, 2021). Ou seja, a conexão entre portenhos e brasileiros no movimento olímpico é histórica.

4.1 Sucar (basquete 1960, 1964 e 1968)

Sucar nasceu na província de Tucumã, no norte da Argentina, em 1939. Os pais de Sucar eram sírios e haviam migrado para a América do Sul, onde trabalhavam como comerciantes de roupas. A migração da família ocorreu na década de 1920, de navio, e, antes deles, alguns tios de Sucar haviam migrado para a América do Sul – parte para o Brasil e parte para a Argentina. A decisão de trocar o país vizinho pelo Brasil ocorreu após um lance de sorte:

Meu pai, por um desses acasos da sorte, jogava na loteria argentina. E ganhou. A tríplice coroa. Então, nessa altura do campeonato, a minha mãe, uma irmã dela que morava no Brasil, casada com um tio meu, queria que ela viesse pra cá, elas se comunicavam muito por carta. E meu pai pensou que nós morávamos numa cidadezinha pequena, chamava Lulis, chama-se Lulis. Uma cidade bem pequena. E ele pensou ‘o quê que eu vou fazer aqui com seis filhos homens? E mais quatro mulheres?’ Então acabou resolvendo, vindo pra São Paulo, isso foi assim que acabou a guerra, a Segunda Guerra Mundial, 1946, eu tinha 7 anos. (Comunicação oral, Antônio Salvador Sucar, 2016).

Em São Paulo, a família de Sucar estabeleceu um comércio na região da rua 25 de Março, ponto tradicional da comunidade árabe. Paralelamente a isso, Sucar passou a frequentar o clube Sírio, onde foi apresentado ao basquete. Com 2,02 metros de altura, Sucar logo se destacou na função de pivô e tornou-se um dos principais jogadores do país. No ano de 1959, ele chegou a treinar com a seleção brasileira, mas, como não havia concluído o processo de naturalização, não pôde ser convocado para o Campeonato Mundial. A naturalização ficou pronta em 1960, a tempo de Sucar ser convocado para os Jogos Olímpicos de Roma, quando o Brasil conquistou a medalha de bronze.

Um dos momentos mais marcantes com a camisa da seleção brasileira ocorreu quando Sucar jogou um campeonato sul-americano, justamente no território argentino.

Eu fui jogar o sul-americano em Córdoba, na Argentina. Saiu no noticiário que eu era argentino de nascimento e tudo. Então os caras ficaram chateados comigo, mas eu era brasileiro, já era brasileiro, entendeu? O meu basquete sempre foi brasileiro. Então eu ganhei o Sul-Americano contra a Argentina. Nós estávamos perdendo por 55 a 54, e fizeram uma falta em mim, faltavam 7 segundos [...] E eu emboquei os dois lances livres e nós ganhamos da Argentina. Por 56 a 55. (Comunicação oral, Antônio Salvador Sucar, 2016).

Como atleta, Sucar representou o Brasil em três edições olímpicas (Roma, 1960; Tóquio, 1964; e Cidade do México, 1968), ganhando duas medalhas de bronze. Por clubes, além do Sírio, ele vestiu a camisa do Palmeiras, e defendeu o Club Atlético Taboré, do Uruguai. Retornou ao Sírio e encerrou a carreira como jogador em 1973. O vínculo com a instituição foi mantido, tendo ocupado cargos diretivos, tendo sido por duas oportunidades o vice-presidente de esportes. Ele morreu em São Paulo, em 31 de dezembro de 2018.

4.2 Sebastián Cuatrin (canoagem 1992, 1996, 2000 e 2004)

Nascido na cidade de Rosário em 6 de setembro de 1973, Sebastián Cuatrin migrou para o Brasil aos seis anos de idade. A família trocou a Argentina por Governador Valadares, no interior de Minas Gerais.

A gente veio pro Brasil em função de uma crise econômica na Argentina. Meu pai era engenheiro civil e recebeu um convite para dar aulas em Governador Valadares. Ele veio na frente por um período pra ver se estava tudo certo e minha mãe veio logo na sequência. E a gente se mudou pra Valadares que eu chamo minha terra de coração. (comunicação oral, Sebastián Cuatrin, 2016).

Foi no interior de Minas Gerais, no rio Doce, que Sebastián conheceu o esporte que o levaria a quatro edições olímpicas pelo Brasil: a canoagem. Por conta do esporte, Cuatrin passou por vários processos migratórios dentro do Brasil, sempre acompanhando a seleção brasileira. Nesse processo, ele viveu em várias cidades – São Paulo (Capital), São Bernardo do Campo (Grande São Paulo), Piraju (interior paulista), Londrina (interior do Paraná) e Rio de Janeiro. Durante um período, ele morou na Polônia, onde estava radicado um treinador conhecido como um dos melhores do mundo.

Tendo iniciado a prática da canoagem no Brasil, o esporte teve um papel fundamental na decisão de Cuatrin de se naturalizar.

Fiz ela [a naturalização] por causa do esporte, porque eu não podia competir em 1991. Eu não podia competir os Jogos Pan-Americanos, sendo atleta nascido não natural, não naturalizado brasileiro. Então, meus pais fizeram super esforço na embaixada, consulado tudo. Todo mundo foi super solícito e consegui me naturalizar a tempo para que eu pudesse participar dos Jogos. Eu me naturalizei em 1990. (comunicação oral, Sebastián Cuatrin, 2016).

Como atleta, Cuatrin participou de quatro edições olímpicas pelo Brasil (1992, 1996, 2000 e 2004). Ele conquistou onze medalhas em Jogos Pan-Americanos, sendo a última de ouro, no Rio de Janeiro, em 2007. Formado em

educação física, após a aposentadoria como atleta, Sebastián trabalhou como técnico e em funções administrativas na Confederação Brasileira de Canoagem. Quando o Brasil foi escolhido como sede para os Jogos Olímpicos de 2016, o canoísta assumiu um novo desafio: gerenciar as instalações esportivas que sediaram as provas de canoagem de velocidade e slalom.

Sobre a condição de naturalizado, Sebastián diz que os comentários sobre sua origem argentina sempre existiram e eram encarados por ele com normalidade.

Nunca me incomodou. O que me incomoda é quando essa coisa começa se tornar uma espécie tipo de uma pequena forma de te agredir e tal. Mas, nunca me incomodou. As pessoas falavam assim: ‘Ah, ele é Argentino, naturalizado’. Eu até brinco bastante com essa rixa que tem [...] E por ter nascido lá, eu carrego no sangue algumas características muito peculiares do povo argentino, que aquela coisa aguerrida. Mas, as pessoas falam a influência da cultura na vida das pessoas, né? Se eu tivesse lá eu teria outra forma de ser e quando você está acolhido, porque o povo brasileiro é um povo acolhedor, um povo muito simpático, um povo muito família, né? Nessa questão de ser dócil, de ser menos exaltado. A cultura brasileira me moldou um pouquinho diferente do que eu vejo os meus amigos da Argentina (Comunicação oral, Sebastián Cuatrin, 2016).

Mesmo com tantas conexões com o Brasil, a família de Cuatrin também mantém laços com o país vizinho. O irmão mais novo do canoísta, que nasceu no Brasil, mudou-se para a Argentina, vinte anos após a família ter feito o caminho oposto.

4.3 Fernando Ariel Meligeni (tênis, 1996)

Fernando Meligeni nasceu em Buenos Aires, em 12 de abril de 1971. Quando ele tinha cinco anos de idade, o pai, que era fotógrafo, recebeu uma proposta de trabalho em São Paulo e decidiu mudar-se com a família para o Brasil. Foi na capital paulista que Fernando teve o primeiro contato com o tênis. Aos quinze anos de idade, ele recebeu uma proposta do pai: voltar sozinho para a Argentina, considerada então o principal polo do esporte na América do Sul, para treinar. Caso estivesse entre os três melhores do país após um ano, poderia continuar se dedicando à modalidade.

Meligeni conseguiu atingir o objetivo e manteve-se na Argentina, mas com os pais e a irmã radicados na capital paulista. Ele conseguiu se tornar o líder do ranking mundial juvenil de tênis. Diferentemente de outros esportes, no tênis a nacionalidade não é um critério de elegibilidade para se atuar no circuito mundial e/ou nos principais torneios, os Grand Slams. Todavia, para a disputa da

Copa Davis é preciso representar um país, assim como para os Jogos Olímpicos – evento no qual o tênis voltou a ser disputado em 1996, após anos de exclusão.

A decisão pela naturalização não foi apoiada pelos familiares de Meligeni, o que retardou o processo, que só pôde ser feito após ele completar os 18 anos de idade.

Minha mãe me obrigou, entre aspas, a me naturalizar depois que eu fizesse 18 anos, para que eu fizesse a naturalização, e não ela. Para que ela não assinasse nada. Tipo, é uma responsabilidade tua se você mudar de país, de bandeira [...] Ela nem no despachante levava os documentos. Eu estava viajando: ‘Mãe, leva esse documento lá?’. ‘Por que, naturalização? Tô fora! Vai você! Quando você voltar, você vai!’. Tanto que minha naturalização demorou três anos, dois anos e pouco pra acontecer. (Comunicação oral, Fernando Meligeni, 2011).

Superada a resistência familiar, Meligeni teve de encarar uma relação complexa com a imprensa brasileira, com parte dos torcedores e até mesmo com programas humorísticos de televisão, que satirizavam a sua escolha por defender o Brasil.

Por que esse cara, um argentino quer virar brasileiro, pra que? Deve ser por dinheiro, né?, Aí eu falo: ‘Cara, o que eu ganho no Brasil, de grana, não é nada!’. É porque, realmente, eu vim muito cedo pra cá e virei brasileiro, né? Abriu muito esse campo das pessoas entenderem que era o que eu queria, que era meu desejo. A partir daí, ficou tranquilo, mas, eu acabei ficando muito mais conhecido por causa daquele resultado (quarto lugar nos Jogos Olímpicos), muito mais querido e abriu muito mais portas, né, ficou mais fácil ser. Anteriormente era mais complicado, era uma briga diária, de brincadeira, de gozação no Cassetta e Planeta, falando que eu era argentino, e que isso, querendo ou não, se você escolhe uma coisa, as pessoas não querem aceitar. Dói em você. (Comunicação oral, Fernando Meligeni, 2011).

Apesar das dificuldades encontradas no âmbito familiar e com alguns meios de comunicação, Fernando Meligeni indica que a participação em eventos como os Jogos Pan-Americanos e os Jogos Olímpicos, nos quais ele atuou não apenas como um atleta individualmente, mas representando o Brasil, serviu como fator de aproximação dele com os torcedores, que passaram a reconhecê-lo como um brasileiro. Um sentimento de pertencimento que, para ele, era natural, já que a mudança para o Brasil ocorreu ainda na infância. Fernando Meligeni encerrou a

carreira de atleta com a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2003. Após isso, chegou a exercer o posto de capitão do Brasil na Copa Davis (principal torneio entre nações no tênis mundial) e tornou-se comentarista da modalidade.

4.4 Joaquín Eduardo López (hóquei sobre a grama, 2016)

Joaquín López nasceu em Neocam, na Patagônia, em 12 de fevereiro de 1990. Ele começou a jogar hóquei sobre a grama aos 12 anos de idade, no Independiente, clube de sua cidade natal. Paralelamente às atividades no hóquei, ele também atuou como jogador de futebol, chegando a integrar as categorias de base do Boca Juniors, equipe tradicional da cidade de Buenos Aires.

Após ser preterido no futebol, Joaquín decidiu focar-se no hóquei sobre a grama e mudou-se para a França, onde morou por dois anos. No ano de 2013, ele retornou à Argentina, quando um amigo brasileiro comentou sobre a possibilidade de a seleção brasileira de hóquei conquistar uma vaga para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, que seriam realizados três anos depois – como país-sede, o Brasil teve a condição de classificação facilitada e dependeria apenas de um bom resultado nos Jogos Pan Americanos de 2015.

Joaquín decidiu, então, escrever para o técnico da seleção brasileira de hóquei sobre a grama.

Eu mandei um e-mail para o Cláudio Rocha, hoje treinador olímpico da seleção, e naquele momento ele era treinador do Carioca (equipe no Rio de Janeiro). E falei: ‘minha intenção é virar brasileiro e viver aqui pra jogar e tal’. E ele respondeu com a maior sinceridade: ‘Não. Você não pode virar brasileiro, não tem mãe, não tem pai, não tem ninguém brasileiro na sua família’. Falou não. Bom, eu vi igual. (Comunicação oral, Joaquín López, 2016).

Mesmo desencorajado pelo técnico da seleção, o atleta decidiu mudar-se. Como o hóquei sobre a grama é uma modalidade semiprofissional no Brasil, Joaquín conciliou as atividades no clube Carioca com o trabalho de garçom em bares no Rio de Janeiro. Depois, conseguiu assumir a função de treinador de equipes femininas de hóquei. O desejo de se naturalizar e participar dos Jogos Olímpicos ainda existia, mas só tomou forma nos últimos instantes, como narra o próprio jogador.

Como virei brasileiro? No Natal, dezembro de 2015, eu não sabia como eu ia virar brasileiro. Eu estava com minha namorada, e morando com ela já. Chegou um amigo aqui e falou: ‘Joaquim, você pode fazer tal, tal e tal coisa’, tem que ir a um escritório e um cartório e tal’. Falei: ‘beleza, vou copiar mensagem pra minha

namorada’. Ela olhou assim e me falou: ‘Nossa, que romântico que você é, me tá propondo casamento?’ Eu não sabia que era casamento isso, mas, então eu falei: ‘Será?’. ‘Sim, essa convocação é uma união estável e tal e tal. Dá direito e obrigação pra você’ [...] foi um princípio do sonho olímpico pra mim. Depois consegui fazer o documento com ajuda também da Confederação, que me recomendou no Ministério da Justiça. Foi um tempo, de dezembro de 2015 até agosto de 2016, quando cantei o hino e jurei. Como nasce um brasileiro. O juiz ainda falou: eu nunca assinei uma naturalidade tão rápida. (Comunicação oral, Joaquín López, 2016).

Com o apoio da namorada e da Confederação, Joaquín conseguiu a naturalização às pressas e foi convocado para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Além dele, a equipe do Brasil de hóquei sobre a grama tinha mais cinco atletas que nasceram em território estrangeiro (três na Holanda, um na Inglaterra e um na Austrália). Após os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, Joaquín seguiu carreira no esporte, tendo atuado em equipes como o Royal La Rasante (Bélgica) e o Barcelona (Espanha). Mesmo vivendo no exterior, ele segue representando a seleção brasileira.

Sobre o fato de ter defendido um país diferente daquele em que nasceu, Joaquín não se mostra incomodado, uma vez que a mudança de nacionalidade lhe permitiu realizar um sonho.

Nesse momento que apitou o juiz eu disse assim: ‘eu agora, no momento da minha vida, aconteça o que aconteça, vou ser um atleta olímpico’. Esse apelido, ou o sobrenome que ganhei de atleta olímpico, foi a maior conquista pra mim, profissional. (Comunicação oral, Joaquín López, 2016).

5 DISCUSSÃO: IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E INSTRUMENTALIZAÇÃO DA NACIONALIDADE

A construção identitária é cada vez mais móvel e adaptável a diferentes tipos de discursos e conveniências. Segundo Bauman (1999), em tempos de liquidez, não são apenas as pessoas que se movem – lugares e comunidades, em si, passam por mudanças constantes. Alguns atletas, que trocam de nacionalidade, enfrentam uma nova instância de julgamento no momento de uma grande competição: a contestação do público e dos meios de comunicação, como ocorreu com o tenista Fernando Meligeni, que teve de se explicar ao ser questionado por que um argentino estava representando o Brasil. Do mesmo modo, anos antes, Sucar sofreu cobranças da torcida argentina ao defender o país rival. A fala do ex-jogador de basquete deixa claro que ele nunca sequer

havia praticado o esporte no país natal, que toda a sua formação atlética era brasileira, mas isso não minimizou a contestação de algumas pessoas diante dele.

Montagna (2017, p.113) defende que “nossa identidade se plasma no contato com o outro, se configura e reconfigura na interação com o entorno”. Sob esse prisma, é possível compreender que, muito além do local de nascimento, a formação identitária de pessoas como Sucar, Meligeni e Cuatrin foi construída no contato com os demais brasileiros. Mais que uma simples representação em um torneio esportivo, eles são pessoas que se enxergam como brasileiros e que, por isso, decidiram adotar a nação. Nestes três casos, estamos falando de pessoas que migraram para o Brasil ainda na infância por razões econômicas de suas famílias – os pais de Meligeni e Cuatrin receberam propostas de emprego no Brasil, e a família de Sucar viu na mudança para uma cidade maior (São Paulo) uma melhor oportunidade.

Outro fator que deve ser observado é que a migração de Meligeni tem um caráter pendular. Mesmo após se estabelecer no Brasil, ele retorna para a Argentina, onde participa de treinamentos de tênis em um centro de referência e mora por um período com a avó. O fato de ter migrado não significa um “divórcio” total com a pátria de nascimento, mas a construção de uma relação híbrida, multifacetada. Do mesmo modo, é possível observar que a relação da família de Sucar não era apenas com a Argentina, mas também com a Síria, nação de origem de seus pais, que migraram para a América do Sul. Os laços de ancestralidade foram importantes no momento em que eles se estabeleceram no Brasil: a escolha por montar um comércio na rua 25 de Março, tradicional reduto da comunidade síria na capital paulista, e também o fato de frequentar o clube Sírio, não são escolhas casuísticas.

Marcados por algumas semelhanças, os processos migratórios também são fenômenos individuais e, por isso, dotados de particularidades. Enquanto Cuatrin teve o apoio familiar no momento da naturalização, Meligeni narra que a própria mãe não o auxiliou durante o processo burocrático, deixando a ele as atribuições relacionadas ao caso. Além do apoio familiar, vale ainda notar os papéis das instituições esportivas nos diferentes processos. O tenista narra que não encontrou apoio e que demorou quase três anos para mudar de nacionalidade. Já o jogador de hóquei sobre a grama, Joaquín López, conta que teve o apoio da confederação brasileira da modalidade, com uma “recomendação no Ministério da Justiça” o que ajudou a acelerar o processo.

O caso de Joaquín, aliás, insere-se em um processo diferente em relação aos outros três atletas. Mesmo tendo retornado à Argentina para se aprimorar, Meligeni fez a iniciação esportiva no Brasil. Sucar diz textualmente que “seu basquete era brasileiro”, e Sebastián Cuatrin teve o primeiro contato com a canoagem no rio Doce, em Governador Valadares. Mesmo o hóquei sobre a grama sendo uma modalidade amadora no Brasil, o caso de Joaquín caracteriza-se como uma migração motivada pelo movimento de profissionalização do esporte, no qual a concessão de nacionalidades de maneira instrumental

tornou-se uma ferramenta utilizada por vários países para poder contar com mão de obra especializada de países nos quais há um excedente qualificado. Para Joaquín, conseguir a classificação olímpica pelo Brasil foi um processo mais “simples” que obter a qualificação pela Argentina, país que detém maior tradição no esporte. É importante destacar que, em momento algum, Joaquín cometeu alguma ilegalidade ou feriu o processo – sua naturalização seguiu os protocolos previstos e é legal. Em um mundo com fronteiras mais fluidas (Bauman, 1999) é possível que o trabalhador qualificado deixe seu país e migre em busca de oportunidade de trabalho. No caso de Joaquín, a oportunidade laboral juntou-se a um desejo pessoal: o de ter o “sobrenome” olímpico.

Outro ponto passível de discussão é o papel desempenhado pelos meios de comunicação. Imerso em uma seleção na qual seis jogadores não eram nascidos no Brasil, Joaquín passou “despercebido” da mídia brasileira e não relata ter sofrido resistência ou enfrentamentos, mesmo tendo vivido poucos anos no país, antes de obter a nova cidadania. Já Fernando Meligeni, mesmo tendo uma vivência maior no país, teve enfrentamentos com os meios de comunicação. Destaque-se ainda que o tenista cita nominalmente não apenas as coberturas jornalísticas, mas o programa humorístico “Casseta e Planeta” que fazia esquetes sobre a questão da nacionalidade. Brandalise (2011) aponta que os meios de comunicação têm um papel importante na construção da rivalidade entre Brasil e Argentina, seja por meio das propagandas ou dos programas humorísticos. Ainda segundo a autora, o futebol tem um papel especial na construção dessa imagem, mimetizado principalmente nos maiores expoentes de cada nação: Pelé e Maradona.

Compreendemos que brasileiros e argentinos reconhecem que os dois jogadores são símbolos de suas respectivas nações. Observamos que o discurso de nossa amostra também está entranhado de uma rivalidade que, para eles, ‘nunca vai acabar’ ou ‘não tem fim’. (BRANDALISE, 2011, p.359).

Mesmo participando de uma modalidade individual, e na qual havia o poder de escolha pela nacionalidade, Meligeni precisou reafirmar, em muitos momentos, o motivo de ter escolhido o Brasil – desconstruindo assim uma visão dualista e um conceito no qual argentinos e brasileiros seriam figuras antagônicas. Afinal, ele mesmo, um argentino de nascimento, era um legítimo representante do Brasil, por opção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – DA RIVALIDADE À CONSTRUÇÃO

Conhecer as trajetórias individuais de quatro pessoas que nasceram na Argentina e que representaram o Brasil em Jogos Olímpicos é um processo que nos ajuda a compreender melhor a relação entre os dois países; e entender a

construção de um processo identitário, que passa pelo contato com amigos, e a formação de redes de apoio e o momento de uma escolha definitiva – afinal, não houve para estes atletas a opção de “reversão” da nacionalidade após a naturalização.

As conexões entre Brasil e Argentina existem e são importantes nos âmbitos político, econômico e social. O esporte, como fenômeno multifacetado, não fica fora disso, e discutir as relações entre os países apenas pelo prisma da rivalidade traria grandes perdas para a compreensão de um fenômeno complexo e multifacetado. Foram questões econômicas que trouxeram milhares de argentinos ao Brasil – como os pais de Meligeni e Sucar, mas também escolhas que envolveram processos de migrantes que ficaram temporariamente em um país e seguiram rumo a outro – o caso de Sucar, de origem libanesa, nascido no território vizinho e radicado no Brasil. De outro modo, Joaquín López é um personagem que mostra as novas relações e a diluição de fronteiras ocorrida por meio do esporte, dando ao processo migratório também um caráter de representação e escolha.

Como passos futuros, é importante observar que o número de atletas que nasceram em um país – e que representaram outro em Jogos Olímpicos – aumentou ao longo dos últimos anos, mas que esse é um fenômeno muitas vezes estudado apenas sob a ótica econômica e com ênfase em movimentos rumo a países desenvolvidos. A circulação de pessoas entre países sul-americanos, ou mesmo entre outras nações do Sul Global já é uma realidade, mas é incipiente no âmbito esportivo, em especial nos Jogos Olímpicos. É preciso ficar atento para que uma leitura ampla seja feita e não se limitem os estudos de troca de nacionalidade a uma questão meramente comercial. Identidades fluidas e móveis também fazem parte do universo esportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGERGAARD, S.; RYBA, T. V. Migration and Career Transitions in Professional Sports: Transnational Athletic Careers in a Psychological and Sociological Perspective. **Sociology of Sport Journal**, v. 31, n. 2, p. 228–247, 2014.
- ALMEIDA, W. D. de. **Brasileiros, por que não?** Trajetória e identidade dos migrantes internacionais no esporte olímpico do Brasil. São Paulo: Laços, 2021.
- BAENINGER, R. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In. BAENINGER, R. (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p.
- BAYCE, R.. Trad. Júlio Pimentel Pinto. A rivalidade Argentina-Brasil-Uruguai no futebol. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 53-67, abril/maio/junho 2018.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

- BRANDALISE, R. **A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai**. Um estudo sobre como as representações televisivas participam da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço. 2011. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, 2011.
- BRANDALISE, R. As relações Argentino-Brasileiras no telejornalismo Brasileiro, a partir do estereótipo da rivalidade e os desacordos do Mercosul. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 38640-38650, 2020.
- CARTER, T. F. Re-placing sport migrants: Moving beyond the institutional structures informing international sport migration. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 1, p. 66-82, 2013.
- COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Guia do Time Brasil Jogos Olímpicos Tóquio 2020. COB, 2021**. Disponível em <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/b161bc1264f02/>>. Acessado em 10/08/2022.
- FAGGIANI, F. et al. O fenômeno do expatriado no contexto esportivo. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 36 n°3, 738-747, Jul/Set. 2016.
DOI: 10.1590/1982-3703001832016
- FERNÁNDEZ, J. C. **Anclaos en Brasil: a presença argentina no Rio Grande do Sul (1966-1989)**. 2011. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- FREITAS, G. S. P. de. A aproximação do Movimento Olímpico com os novos tempos: o caso dos fluxos migratórios e a Equipe Olímpica de Refugiados. **Olympianos-Journal of Olympic Studies**, v. 6, p. 129-143, 2022. ISSN-e 2526-6314
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- HOULIHAN, B.; ZHENG, J. The Olympics and elite sport policy: Where will it all end? **The international journal of the history of sport**, v. 30, n. 4, p. 338-355, 2013.
- JANSEN, J.; ENGBERSEN, G. Have the Olympic Games become more migratory? A comparative historical perspective. **Comparative migration studies**, v. 5, n. 1, p. 1-15, 2017.
- KILPP, C. E. **O Turnen e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela/Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- KOSTAKOPOULOU, D.; SCHRAUWEN, A. Olympic citizenship and the (un) specialness of the national vest: Rethinking the links between sport and citizenship law. **International Journal of Law in Context**, v. 10, n. 2, p. 143-162, 2014.
- JOHN, J. M. A. This great symbol: Pierre de Coubertin and the origins of the modern Olympic Games. **University of Chicago Press**, v. 98, p. 272, 1981.
- MONTAGNA, P. Alma migrante. **Revista USP**, n. 114, p. 109-118, 2017.
- NICOLAU, J. E. B. **Direito internacional privado do esporte: estudos sobre uma disciplina em construção**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- POLI, R. The denationalization of sport: De-ethnicization of the nation and identity deterritorialization. **Sport in Society**, v. 10, n. 4, p. 646-661, 2007.
- POULTON, E.; MAGUIRE, J. Plastic or fantastic Brits? identity politics and English media representations of 'Team GB' during London 2012. **JOMEC journal**, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012.
- RIBEIRO, C. et al. Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, p. 401-410, 2013.
- ROSINA, D. Estilhas da narrativa em História Oral - A experiência de escrita sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos do México em 1968. (pp.113-138). In. RUBIO, K.; ALMEIDA, W. D. de. (Orgs.). **Narrativas biográficas no esporte: reflexões e aplicação**. São Paulo: Laços, 2022.
- RUBIO, K. **Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Laços, 2014.
- RUBIO, K. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: Sesi-SP, 2015.
- RUBIO, K. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Laços, 2016.
- SALA, G. A. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil**. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte; UFMG, 2005.
- TERTULIANO, I. W. **Processo de expatriação de voleibolistas: concepções bioecológicas**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista - Rio Claro. Rio Claro: UNESP, 2016.
- TONON, L. “Nada menos que a alma”: a plenificação das narrativas. (pp. 57-70). In. RUBIO, K.; ALMEIDA, W. D. de. **Narrativas biográficas no esporte: reflexões e aplicação**. São Paulo: Laços, 2022.
- WINAND, É. C. A. A rivalidade como sentimento profundo: origem, evolução histórica e reflexos contemporâneos do padrão de rivalidade entre Brasil e Argentina. **História e Cultura**, v. 4, n. 1, p. 68-95, 2015.

Entrevistas

- CUATTRIN, S. Entrevista. Entrevistador: William Douglas de Almeida. Rio de Janeiro-RJ. **Entrevista [2016]**, 1 arquivo mp4 (53 min.).
- LÓPEZ, Joaquín Eduardo. Entrevista. Entrevistador: William Douglas de Almeida. Rio de Janeiro-RJ. **Entrevista [2016]**. 1 arquivo mp4 (24 min.).
- MELIGENI, FERNANDO. Entrevista. Entrevistador: Paulo Nascimento. São Paulo (SP). **Entrevista [2016]**. 2 arquivos mp4 (1h11min).
- SUCAR, Antônio Salvador. Entrevista. Entrevistador: William Douglas de Almeida. São Paulo-SP. **Entrevista [2016]**. 1 arquivo mp4 (24 min.).

RESUMO

Ao longo da história, quatro atletas que nasceram na Argentina representaram o Brasil em Jogos Olímpicos. Antônio Salvador Sucar, Sebastián Cuattrin, Fernando Meligeni e Joaquin Lopez, por diferentes motivos, optaram pela bandeira verde-amarela. Mais que uma simples representação, a participação em um evento esportivo de primeira grandeza está conectada a um sentimento de construção identitária dos sujeitos. Baseado na metodologia das Narrativas Biográficas, essencialmente qualitativa, esse artigo apresenta as histórias de vida desses quatro atletas e discute a relação entre os mesmos e o movimento migratório entre Brasil e Argentina. Conclui-se que a opção de nacionalidade brasileira pelos atletas esteve ligada ao processo de formação esportiva, à construção e identificação individual de cada um e, no caso de um deles, à oportunidade proporcionada pelo Rio de Janeiro ser o país sede dos Jogos Olímpicos em 2016.

Palavras-chave: Imigração e emigração; Jogos Olímpicos; esporte; identidade.

ABSTRACT

Throughout history, four athletes born in Argentina have represented Brazil at the Olympic Games. Antônio Salvador Sucar, Sebastián Cuattrin, Fernando Meligeni, and Joaquin Lopez, for different reasons, opted for the green-yellow flag. More than a simple representation, participation in a major sporting event connects to a feeling of identity construction of the subjects. Based on the methodology of Biographical Narratives, essentially qualitative, this article presents the life stories of these four athletes and discusses their relationships with the migratory movement between Brazil and Argentina. Concludes that the choice of Brazilian nationality by the athletes was linked to the process of sports training, to the construction and individual identification of each one, and, for one of them, to the opportunity provided by Rio de Janeiro to be the host country of the Olympic Games in 2016.

Keywords: Immigration and emigration; Olympic Games, sports, identity.

